

## Prefácio

“Escrever é um ato de criação”, segundo Márcio Pereira, um dos autores presentes nesta breve coletânea de textos acadêmicos. Acrescentaria às palavras dele que escrever também é recriação, quando pensamos no ato de ler. Ler é recriar o escrito. Com a palavra escrita revisitamos, de forma reflexiva, o passado; vivenciamos experiências do presente, de forma reativa; e, por fim, projetamo-nos no futuro, de forma intuitiva. Pois, ao lermos, estamos interagindo com o que é lido.

Ao menos dois pontos justificam a leitura destes textos acadêmicos. Existe, por um lado, a convicção dos autores dos textos aqui apresentados de que o conhecimento precisa circular no meio em que ele é produzido. Por outro, espera-se que os temas neles tratados despertem, seduzam, induzam à busca de novos conhecimentos, ou seja, criem um círculo vicioso que levam a leituras novas. Assim é o saber circulando, pois os autores visitaram um referencial teórico para nele embasarem suas análises e reflexões. Fora isso, há que se ressaltar que os artigos tratam de temas relacionados à educação, por demais necessário serem sempre discutidos nos meios acadêmicos específicos.

Os seis capítulos demonstram existir um vínculo com o saber do passado, seja ele distante ou próximo, que se presentifica nas reflexões e nas análises apresentadas. Assim, o conhecimento ganha densidade, ganha importância, ganha, por conseguinte, o leitor, que tem, diante de si, textos que vão, de certa forma, complementar outras leituras já feitas. Está aí o futuro do qual falamos: o leitor vai se tornando maior, portanto, com um leque maior de possibilidades para interagir, atuar e reagir diante das demandas educacionais que o sistema lhe impõe cotidianamente.

Neste breve prefácio, devemos ressaltar a importância da publicação de textos acadêmicos. Publicar significa, para os autores aqui presentes, a meu ver, dar visibilidade à dedicação deles à pesquisa, às análises, às discussões. Isto não nos parece uma tarefa fácil, pois o docente trabalha em várias frentes. Ele interage com os alunos em sala de aula. Solitariamente, se prepara para as atividades acadêmicas em casa. Investe em leituras. Dedica-se a pesquisar, ora com o apoio de agências fomentadoras, ora completamente sozinho. Dedica-se à escrita. Aqui estamos diante, portanto, do resultado de um processo que envolve muitas variáveis, dentre elas a interação pela escrita. O docente que escreve, que põe seu texto à prova do leitor, busca, com isso, sair da solidão da produção e solidarizar-se com o outro. O sentido da escrita e de sua publicação, para uma leitura mais abrangente, neste caso, é a busca da interação com seus pares e com os discentes.

Sabemos que o docente, principalmente o que atua no ensino superior, tem se valido da sua prática para propor projetos de pesquisa e/ou extensão visando fazer reflexões sobre assuntos ligados diretamente a sua práxis educacional. Há, ao longo da sua prática docente, a elaboração de textos que precisam circular no meio em que eles são produzidos e, também, para além dele. Dar visibilidade à produção docente é trazer, para o repertório do leitor, uma visão vivenciada

e/ou experienciada. Certamente, isso tem muito a contribuir para o debate sobre a educação.

Para ampliar o debate, os capítulos tratam sobre temas variados, mas que têm, como pano de fundo, a educação. Por exemplo: discutir a educação ambiental e colaborar para manter viva a necessidade de repensarmos nossa relação com o meio ambiente. Em outro texto, a disgrafia é tratada de forma a mostrar que precisamos ficar atentos à escrita dos alunos iniciantes nas letras, pois esta pode revelar, segundo Márcio Pereira, “o desejo de ser aceito”. Na sequência, o leitor irá se deparar com uma análise filosófica e histórica de Pe. Carlos, que indica a necessidade de um resgate positivo da memória para as novas gerações, principalmente quando essa memória retoma o encantamento do padre pela educação e as suas práticas pedagógicas norteadoras. Em outro capítulo, deparamo-nos com uma densidade de informações referentes a memes. Saímos do entendimento rasteiro a respeito do conceito de meme e adentramos num universo no qual o meme selecionador e reflexivo guiará o processo de decidir o que deve ser mantido e o que deve ser descartado em termos educacionais e gerais. Realçando a necessidade de capacitarmos nossas crianças a ler, somos apresentados a projetos que fomentam o hábito da leitura em estudantes que se encontram em processo de alfabetização. Por fim, discute-se sobre a Ritalina, esse “sossega-leão” que é usado indiscriminadamente no meio educacional.

A publicação pode fazer chegar os temas tratados com propriedade a um público-alvo específico, como professores, orientadores, educadores, acadêmicos de licenciatura e interessados diretamente em problemas do cotidiano. Os profissionais da educação precisam estar atentos aos temas e com eles precisam aprender a lidar. A educação, nesta breve coletânea, é a tônica.

Por fim, deve-se registrar que este conjunto breve de textos surgiu como fruto da reflexão de docentes da UEMG Unidades Cláudio e Divinópolis para levar, de forma sucinta, a professores, educadores e estudiosos um pouco mais de compreensão sobre a complexidade da educação. Os assuntos tratados aqui revelam que a universidade, enquanto disseminadora e produtora de um saber em construção, deve ser diversa e plural. Compartilhar o saber é uma das urgências da atualidade. Neste aspecto, a universidade não deve se apresentar como um ambiente fechado, distante do seu entorno. Ao publicar estes textos, pode-se dizer que os autores – acadêmicos – estão cumprindo um papel social relevante que é interagir com a comunidade circundante.

Comunidade e universidade se aproximam via produção escrita e sua leitura. Desta forma, confirma-se a interação desejada, ou seja, estão os leitores relacionando-se com o que é produzido por docentes intramuros na universidade. A leitura, portanto, ativa a aquisição de conhecimento que, por sua vez, sofre alterações e modificações em razão da atualização de nossas práticas sociais. Ler é (re)criação constante, daí é preciso que o texto chegue aos olhos do leitor para que ele possa utilizar o conhecimento “lido” para auxiliar e/ou modificar seu eu e seu entorno.

**Maurício José de Faria**

*Professor da UEMG Unidade Divinópolis (abril de 2018).*